

## ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Autor: Vinícius Pinheiro dos Santos; Co-autores: João Vitor Silva Oliveira; Taciara de Jesus Dias; Yasmim Soares Dias.

UNEB – UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS X,  
[vinny.n3ds@gmail.com](mailto:vinny.n3ds@gmail.com)

**Resumo:** O presente artigo baseia-se na regulamentação das AACCs realizadas na Universidade do Estado da Bahia, em especial do Departamento de Educação – Campus X em Teixeira de Freitas – BA. Após de uma explanação da Universidade e Departamento supracitados, há uma breve explicação sobre o Curso de Licenciatura em Matemática no referido Campus e a regulamentação das AACCs nessa Instituição de Ensino. Após isso, é abordada a importância dessas atividades para os alunos desse curso, através de pesquisa bibliográfica e por fim, a contextualização entre linguagem e representação matemática através das AACCs, que se provam eficazes no seu papel trazer a linguagem matemática no cotidiano do aluno através de tais atividades voltadas para a representação.

**Palavras-chave:** Linguagem Matemática, Representações Matemáticas, Atividades Acadêmico-Científico-Culturais.

### 1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país extenso, com uma cultura muito rica e diversificada. Cada microrregião resguarda características econômicas e sociais únicas, e isso repercute diretamente na Educação. Analisar uma escola no interior do Sertão baiano é muito diferente de fazer a mesma análise de uma escola numa megalópole: o contexto sociocultural dos alunos, estrutura física, linguajar, tudo pode mudar de uma maneira radical.

As Instituições de Ensino Superior preocupam-se em fazer atividades que visam preparar o aluno para se inserir num contexto onde possa observar a heterogeneidade dos alunos e da cultura da sua região, pois essa falta de contato pode prejudicar sua futura atuação como professor, visto que cada região resguarda traços histórico-sociais únicos, o que implica no linguajar, costume e até mesmo comportamento dos alunos de onde a escola está inserida.

Para isso, as Instituições de Ensino Superior fazem uso das Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (AACCC) para fazer essa intermediação entre o aprendizado fora da sala de aula que a Instituição não consegue abranger. Apesar de coordenado por regulamentos próprios, as AACCCs são muito flexíveis e permitem que o aluno construa sua própria grade de ensino, escolhendo o que for mais cabível para a sua formação.

## 2 UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA: VISÃO GERAL

A Universidade do Estado da Bahia – UNEB, caracterizada por adotar um sistema multicampi, foi criada em 1983, tendo como sede a cidade de Salvador, através da integração de sete faculdades já em exercício: Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco, Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Juazeiro, Faculdade de Formação de Professores de Jacobina, Faculdade de formação de Professores de Santo Antônio de Jesus, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caetitê, Centro de Ensino Técnico da Bahia e a Faculdade de Educação.

O dispositivo legal de criação da UNEB também permitia que outras unidades de educação existentes ou a serem constituídas pudessem se integrar a referida Universidade. Com isso, várias faculdades foram criadas no interior baiano e incorporadas à estrutura multicampi da UNEB, entre as quais, em 1987, a Faculdade de Educação de Teixeira de Freitas – CAMPUS X.

Totalizando 24 campi e 29 Departamentos, a UNEB está presente em grande parte do território baiano, em áreas geoeconômicas de influência, de modo a beneficiar um universo maior da população baiana, seja através dos seus cursos regulares de graduação, programas especiais e/ou projetos de pesquisa e extensão. (UNEB, 2012, p. 7).

A UNEB ao longo da sua existência tem realizado suas atribuições acadêmico-administrativas com respaldo nos seguintes documentos legais: Lei Delegada nº66 de 01 de junho de 1983 – ato de criação; Decreto Presidencial Nº 92.937 de 17 de julho de 1986 – ato de autorização de funcionamento; Portaria do Ministério da Educação e do Desporto nº 909 de 31 de julho de 1995 – ato de credenciamento; Lei Estadual nº 7.176 de 10 de setembro de 1997 – ato de reorganização das Universidades Estaduais da Bahia; Decreto do Governo do Estado da Bahia nº 9.751 de 03 de janeiro de 2006 – ato de credenciamento.

Graças a sua estrutura Multicampi, a UNEB possibilita “a implantação de novos cursos e campi universitários em regiões com baixos indicadores sociais que demandam ações de caráter educativo, fortalecendo a sua política de interiorização da educação superior” (UNEB, 2012, p. 9). Logo, a referida Universidade está legalmente possibilitada de fazer uma intermediação entre ensino superior e as desigualdades sociais, fazendo uma ponte entre os menos favorecidos da sociedade e a oportunidade de uma formação profissional e social.

Em relação à sua administração, apesar de ter uma central na cidade de Salvador, a UNEB dá total autonomia aos seus Departamentos para que desenvolvam suas atividades acadêmicas, visto que o Estado da Bahia é muito extenso e cada região reserva suas peculiaridades culturais e sociais.

Por fim, a UNEB tem como missão:

[...] a produção, socialização e aplicação do conhecimento nas mais diversas áreas do saber, em dimensões estratégicas, com vistas à formação do cidadão e ao desenvolvimento das potencialidades políticas, econômicas e sociais da comunidade baiana, sob a égide dos princípios da ética, da democracia, da justiça social e da pluralidade etnocultural. (UNEB, 2012, p.14).

Tais liberdades institucionais no que diz respeito à coordenação e realização das atividades acadêmicas permitem que as Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (AACC) realizadas façam a contextualização entre os conhecimentos adquiridos nos mais diversos cursos oferecidos pela Universidade e a situação sociocultural de cada região abrangida por cada Campus.

### **3 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS X**

O Departamento de Educação – Campus X da Universidade do Estado da Bahia está situado na Avenida Kaikan, S/N, bairro Kaikan, na cidade de Teixeira de Freitas, no extremo sul baiano, região marcada pela desordenada expansão agrícola, empreendimentos industriais e turísticos, que formam uma nova territorialidade regional intensificando as desigualdades socioespaciais e a fragilidade ambiental.

Quanto à gênese da criação do departamento no município de Teixeira de Freitas:

[...]foi criado o Núcleo de Ensino Superior, como extensão do Centro de Educação Técnica da Bahia – CETEBA/SALVADOR. Assim, em 1981, tem início no povoado de Teixeira de Freitas a educação superior, época que se implantou o curso de Licenciatura Curta nas habilitações de Técnicas Agrícolas e Técnicas Comerciais como forma de minimizar a carência desses profissionais na Rede Pública de Ensino da Região.

Em 1983, o núcleo é integrado à Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas – FFPA/UNEB, ocasião em que amplia a oferta de cursos, implantando os cursos de Licenciatura Curta em Letras e o de Estudos Sociais. Entretanto, por intermédio do Decreto Estadual Nº 32.527/85, o Núcleo é transformado na Faculdade de Educação de Teixeira de Freitas e vinculado à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Após um período de

desgastante luta acadêmica, a Faculdade de Educação de Teixeira de Freitas foi reintegrada à UNEB por meio do Decreto Governamental nº 34.370/1987. (UNEB, 2012, p. 59-60).

A denominação de Departamento de Educação - Campus X veio através da Lei nº 7.176 de 10 de setembro de 1997, em consonância com o Decreto CONSAD nº 7.223 de 20/01/1998, deixando de ser chamado nesse momento de Centro de Educação Superior de Teixeira de Freitas – CESTEF.

A cidade de Teixeira de Freitas é considerada um polo de formação de professores, inclusive no ano de 2016 o Encontro Nacional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) com ênfase na educação foi realizado na cidade. A maior parte dessa alcinha vem do Departamento de Educação Campus X, que formam professores que abastecem a demanda educacional na região, inclusive com muitos egressos trabalhando no próprio Departamento e outros trabalhando pelas mais variadas regiões do país:

Toda essa demanda tem feito do Campus X um pólo de formação de professores em nível superior, contribuindo para o desenvolvimento social da região e melhorando as condições de vida das pessoas na medida em que lhes possibilita uma melhor qualificação para o mundo do trabalho. (UNEB, 2012, p. 69).

Mais do que isso, o Campus X “tem desenvolvido estudos sobre o analfabetismo, fome, saúde, produção de alimentos e preservação do ambiente, demonstrando a coerência do Departamento com a estrutura teórica dos conhecimentos [...] voltada para a sociedade” (UNEB, 2012, p. 69). Logo, o Departamento contribui com o desenvolvimento da cidadania local, contextualizando os conhecimentos inerentes de cada curso com o contexto social da região, promovendo melhoria da perspectiva de vida da população. As atividades acadêmicas desse departamento, como as AACC, por exemplo, podem desempenhar esse papel de trazer o papel social que o Departamento vem realizando. Segundo Silva:

Talvez seja arriscado afirmar que a inclusão das AACC no currículo de formação profissional dos professores brasileiros não seria necessária caso a Educação Básica no país fosse realizada em condições que permitissem às escolas formar pessoas interessadas em buscar conhecimentos sobre sua realidade social, sobre a cultura nas quais são inseridas, e que se habituassem a apreciar e adquirir enriquecimento pessoal por meio de leituras e de atividades culturais, lúdicas e artísticas. (SILVA, 2012, p. 93).

#### **4 O CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA DO CAMPUS X**

O curso de Licenciatura em Matemática atende o extremo sul baiano, e muitos municípios de Minas Gerais e Espírito Santo, visto que é o único curso de Licenciatura em Matemática ofertada por uma instituição de ensino superior na região. Tal responsabilidade faz com que o Departamento de Educação se engaje na construção de um currículo de qualidade que possa formar profissionais com boa base de conhecimento e responsabilidade social:

O egresso do Curso de Matemática do Campus X possui formação necessária para ser um educador competente, dotado de espírito crítico e criativo, com visão humanística, capaz de relacionar a matemática com outros segmentos, contribuindo para o desenvolvimento da região na qual está inserido. O profissional formado no curso terá condições de seguir seus estudos em nível de mestrado, nas áreas de educação matemática, matemática pura, matemática aplicada e áreas afins. Tanto que os egressos têm obtido sucesso em programas de pós-graduação na área de matemática ou áreas afins, como em concursos públicos para provimento de vagas para professor das redes estadual e municipal de ensino da região. (UNEB, 2012, p. 111).

O Curso de Licenciatura em Matemática no Campus X foi autorizado através da Resolução do CONSU nº 272/2004, substituindo gradativamente o então Curso de Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em Matemática ofertada até a sua extinção por esse Departamento de Educação. O curso adota regime de matrícula semestral por componente curricular, com aulas presenciais, e o ingresso ao referido curso se dá mediante aprovação em um dos processos seletivos instituídos pela UNEB.

A administração acadêmica do Curso é feita pelo seu Colegiado de Curso de forma articulada com instâncias superiores do Departamento e da Universidade. Ele é composto por professores responsáveis pelos componentes que integram a matriz curricular e representante discente. Entre esses docentes, um é eleito pelos demais para o cargo de coordenador, com mandato de dois anos. Entre suas atribuições destacam-se: o acompanhamento das atividades acadêmicas previstas pelos Programas e Planos de Ensino dos componentes curriculares do curso e acompanhar e avaliar a execução do currículo traçado pelo aluno.

O currículo do Curso foi pensado com ênfase na interdisciplinaridade através de realização de atividades temáticas conforme os seminários de cada semestre. Neles busca-se o envolvimento dos professores, convidados e alunos, promovendo a discussão sobre temas relacionados ao curso. A integração entre teoria e prática se faz presente nas discussões dos pressupostos teóricos em sala de aula, através da análise e discussão de situações contextualizadas, resolução de situações-problemas características do cotidiano profissional e simulações no Laboratório de Ensino em Matemática (UNEB, 2012, p. 140).

## **5 ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS (AACC) PARA OS CURSOS DE LICENCIATURA DA UNEB**

De acordo à Resolução nº 1.150/2010 (DIÁRIO OFICIAL, 2010), que regulamenta as AACC para os Cursos de Licenciatura da UNEB, resolve que as atividades Acadêmico-Científico-Culturais são aquelas de caráter científico, cultural e acadêmico e tem por finalidade aprofundar, ampliar e consolidar a formação cultural do discente. Estão nesta categoria, os seminários, simpósios, participação em eventos científicos, produção coletivas, monitorias, dentre outros. Para conclusão do curso é necessário que o aluno cumpra a carga horária referente a essa atividade de acordo com o disposto projeto do curso ao qual está vinculado.

O acompanhamento e a avaliação das Atividades Acadêmico-Científicas Culturais realizadas pelos discentes são da competência do Colegiado do Curso, cujos registros devem ser feitos em formulários próprios adotados para tal fim. O aproveitamento das AACC realizadas fica sujeito à apresentação pelo discente de documento que comprove sua participação nessas Atividades, de acordo com o prazo estabelecido no Calendário Acadêmico. O Coordenador do Colegiado deverá encaminhar semestralmente a Coordenação Acadêmica relatório contendo as informações sobre aproveitamento das atividades complementares por estudante para que sejam atualizadas junto ao Sistema Acadêmico e arquivadas no respectivo prontuário (DIÁRIO OFICIAL, 2010).

As AACCs constituem-se na oportunidade complementação e diversificação da formação dos estudantes para além da sala de aula, possibilitando um envolvimento maior com as questões relativas à atuação educacional, à produção científica e, as questões mais amplas da sociedade. Trata-se de atividades de caráter obrigatório na integralização do Curso de matemática com carga horária de 200 horas e têm por finalidade aprofundar, ampliar e consolidar a formação acadêmica cultural do estudante, conforme determina a Resolução do CONSEPE nº 1.150/2010. (UNEB, 2012, p. 177).

Essa carga horária de 200 horas exigida pelo aluno são realizadas através de AACCs que possibilitem a vivência de atividades que podem ser de diversas naturezas (explicitadas na resolução previamente citada) como iniciação científica, monitoria de ensino e extensão, participação em seminários, congressos e eventos, participação em projetos de extensão comunitária ou outros projetos de alcance social relacionados à área do curso; apresentação de trabalhos em eventos de natureza acadêmica na área de formação ou áreas afins.

A comprovação da carga horária realizada nas AACCs realizadas se dá através de certificados ou documentos de comprovação de execução. O Campus X oferece no decorrer do semestre vários eventos que envolvem a participação dos alunos em tais atividades.

## **6 ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA**

Como descrito anteriormente, as AACCs envolvem as mais diversas atividades que buscam contextualizar o aprendizado do aluno com as mais diversas situações. Por serem obrigatórias e talvez mal trabalhadas e orientadas pela maior parte das Instituições de Ensino, essas atividades são vistas com desprezo por muitos estudantes, que fazem o possível para completar da maneira mais simples e menos trabalhosa sua carga horária.

Ao se tratar da importância de atividades voltadas para a cultura, se leva em consideração a heterogeneidade tanto da cultura regional de onde a escola está inserida, quanto dos alunos que a compõe. As grades curriculares dos cursos de Licenciatura em Matemática são densas, quase que intocáveis para algumas Instituições, e quase não sobra espaço para conteúdos que visam estudar a cultura e questões sociais da região que a Instituição de Ensino se localiza. Logo, o próprio aluno deveria buscar se livrar dessa privação cultural. Segundo o exposto, Silva et. al complementa que:

Diante de tal panorama social, fazia-se necessário comprometer as Instituições de Ensino Superior com o enriquecimento cultural de seus graduandos mesmo que, para isso, fosse necessário lançar mão de diretrizes curriculares expressas via legislação educacional. (SILVA et. al, 2012, p. 94).

Em meio a problemas como esse, e para resolver a dicotomia entre formação profissional do professor e o desenvolvimento cultural do mesmo, levou-se “a considerar a necessidade de intervenções interdisciplinares e transdisciplinares como possibilidades para mudar a realidade do ensino habitualmente limitado a sala de aula” (SILVA et. al, 2012, p. 94).

Logo, a inclusão das Atividades Acadêmico-Científico-Culturais preenche a lacuna que existe entre a formação do professor, e a consequente contextualização desse aprendizado, que muitas vezes ficava condicionado à inserção profissional propriamente dita, o que é um agravante, pois representa que esse professor não saiu devidamente preparado do ensino superior para a atuação profissional. Silva et. al, ainda concluem o exposto, e ainda sugerem um momento de

socialização, reflexão e debate como nos Estágios Supervisionados:

Portanto, inserir AACC no currículo do ensino superior colabora com a ideia de que os graduandos sejam envolvidos, de maneira participativa no seu processo de formação acadêmica, profissional e pessoal. A apresentação de relatórios das atividades vivenciadas e a participação em momentos de socialização de saberes realizada coletivamente entre professor e alunos, podem contribuir para o estímulo à reflexão crítica e criativa sobre a utilização dos conhecimentos adquiridos nas experiências realizadas dentro ou fora das Instituições de Ensino superior, da mesma maneira que o sugerido por Silva (2003b) no contexto dos Estágios Supervisionados. (SILVA et. al, 2012, p. 97).

Como visto no exemplo da UNEB, as AACCs não podem ser escolhidas de qualquer forma pelo aluno: Existem diversas atividades, e cada uma delas conta com um limite pré-definido de contagem de carga horária, e há uma regulamentação que fornece uma clara orientação para os alunos. Kassemboehmer e Ferreira (2010, p. 6) sobre essa orientação ao aluno, salientam que “ele não possui maturidade suficiente para reconhecer qual atividade melhor contribuirá para seu desenvolvimento, [...] se os objetivos da AACC não forem devidamente discutidos por ele”.

Atividades como palestras, simpósios, congressos, cursos, seminários podem complementar o ensino restrito à sala de aula, relacionando com o que Schön (2000) propõe sobre a formação dos profissionais, que as atividades diferentes do currículo normativo podem contribuir com a formação do conhecimento tácito dos mesmos, e pode ser acessado em momentos que exigem a solução de situações-problema.

Sobre o regulamento de atividades de iniciação científica há a valorização da participação do aluno em publicações de trabalhos científicos, esperando um certo nível de excelência dos alunos, visto que podem ser apresentadas em eventos de nível nacional ou internacional, publicação de texto em revistas especializadas, etc. Silva, citando Lovisolo (2003) no que concerne esse tipo de atividade:

[...] destaca a importância da iniciação científica ser integrada à proposta formativa do aluno, e quando alerta para que não seja encarada como mera formalidade em elaborar uma monografia, produção de artigo ou apresentação em eventos científicos, mas sim, como uma possibilidade de formação e valorização da cultura científica. (SILVA et. al, apud Lovisolo, 2012, p. 98).

Logo, percebe-se que tais atividades, mesmo que reguladas pelas Instituições de Ensino, são extremamente flexíveis quanto a escolha do aluno, e cada uma delas tem uma finalidade para a sua formação cultural e profissional. A Instituição de Ensino deve regulamentar o acesso a essas



atividades para que o aluno possa variar as atividades escolhidas, a fim de dar um maior sentido dentro do que foi exposto às AACCs.

## **7 CONTEXTUALIZAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E REPRESENTAÇÃO MATEMÁTICA ATRAVÉS DAS AACCs**

Apesar das diretrizes oficiais dos ensinos fundamental e médio proporem que o ensino da matemática seja de caráter interdisciplinar, muitas vezes isso não ocorre, e muitos conteúdos matemáticos, quando ainda são abordados, são tratados de forma fragmentada, alimentando a famigerada pergunta que nasce no íntimo do estudante: “Para que isso vai me servir no futuro?”. Quando se trata da interdisciplinaridade, considera-se que o uso da linguagem e representação matemática não sejam apenas trabalhadas nas demais disciplinas curriculares, mas também no contexto da vida do aluno fora da escola.

A linguagem simbólica, em ciências como a Matemática e a Física, é enfatizada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 1999, p. 237): “[...] expressar-se corretamente utilizando a linguagem física adequada a elementos de sua representação simbólica e apresentar de forma clara e objetiva o conhecimento aprendido, através de tal linguagem”. A representação matemática parte do pressuposto de usar o conceito de modelagem para contextualizar o uso da linguagem simbólica nas mais diversas situações. Sobre o que é um modelo, Biembengut e Hein (2011), apontam que:

O modelo é uma imagem que se forma na mente, no momento em que o espírito racional busca compreender e expressar de forma intuitiva uma sensação, procurando relacioná-la com algo já conhecido, efetuando deduções. Tanto que a noção de modelo está presente em quase todas as áreas: Arte, Moda, Arquitetura, História, Economia, Literatura, Matemática. Aliás, a história da ciência é testemunha disso! O Objetivo de um modelo pode ser explicativo, pedagógico, heurístico, diretivo, de previsão, dentre outros. (BIEMBENGUT & HEIN, 2011, p. 11).

Assim, é perceptível que o homem constrói todo um aparato de modelos através da abstração para aumentar seu conhecimento sobre um tema ou situação problema. Tal modelagem é altamente intuitiva, e a qualidade da mesma em relação à visualização da problemática varia do conhecimento tácito adquirido pelo indivíduo. Quanto mais complexos são os fenômenos a serem estudados, maior deve ser esse conhecimento. Sobre o exposto, Biembengut e Hein (2011) conceituam a modelagem matemática como:

Modelagem Matemática é o processo que envolve a obtenção de um modelo. Este, sob certa óptica, pode ser considerado um processo artístico, visto que, para se elaborar um modelo, além de conhecimentos de matemática, o modelador precisa ter uma dose significativa de intuição e criatividade para interpretar o contexto, saber discernir que conteúdo matemático melhor se adapta e também ter senso lúdico para jogar com as variáveis envolvidas. A elaboração de um modelo depende do conhecimento matemático que se tem. (BIEMBENGUT & HEIN, 2011, p. 12).

Dessa forma, a modelagem matemática cria um ambiente centrado na ação do sujeito sobre os fenômenos da realidade que o permeia. Até que tal fenômeno seja passível de ser analisado pela linguagem simbólica matemática, faz-se necessário passar por níveis graduais e consecutivos anteriores, desde a coleta e observação de dados de forma empírica até a formulação, análise e confronto das hipóteses (Silva et. al, apud Bassanezi, 2002; 2015, p. 4).

De acordo estudado anteriormente, nota-se que o campo das AACCs é muito fértil para que o aluno possa fazer a contextualização entre linguagem e representação matemática, pois como já mencionado, um dos papéis dessas atividades é justamente ajudar o aluno contextualizar seu aprendizado em sala de aula fora dela, como forma de resolver essa dificuldade comum no ensino da matemática, como aponta Sositak:

Especificamente no ensino da matemática, esses problemas educacionais são vivenciados no dia a dia da sala de aula, refletindo na aprendizagem dos alunos. Quando da indagação sobre a importância da matemática aos alunos, eles concordam que a disciplina deve ser ensinada na escola. No entanto, confessam que encontram dificuldades de aprendizagem e não conseguem relacionar a matemática presenciada na escola com a matemática encontrada em situações do cotidiano. (SOISTAK, 2010, p. 39).

Por fim, o próprio professor, como orientador e mediador do trabalho do aluno realizado nas AACCs, pode estimular o aluno a instaurar um ambiente de aprendizagem de modelagem matemática na própria atividade escolhida, reforçando o papel da AACC como ponte entre o conhecimento e aplicação no cotidiano da matemática. Rosa e Orey (2012) alegam que a instauração de tal ambiente proporciona:

(...) o ambiente de aprendizagem da modelagem pode ser considerado como um espaço educacional que favorece a deflagração da intervenção pedagógica do processo de ensino-aprendizagem em matemática, pois, nesse ambiente, os professores, como mediadores do processo educacional, auxiliam os alunos a externalizarem o conhecimento matemático tácito através de atividades pedagógicas contextualizadas, como por exemplo, a elaboração de modelos matemáticos. Isso significa que as atividades matemáticas desenvolvidas e os conceitos aprendidos através de ambiente de aprendizagem da modelagem

introduzem novos modos de operação intelectual; por exemplo, abstrações e generalizações mais amplas acerca da realidade, que visam transformar os modos de utilização dos conhecimentos matemáticos tácitos e explícitos no ambiente acadêmico. (ROSA & OREY, 2012, p. 284).

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ensino da matemática, as Instituições de Ensino Fundamental e Médio, há dificuldades de trabalhar a intertextualidade entre o que o aluno aprende na sala de aula e seu cotidiano. Por adentrar o ensino superior sem trabalhar esse tipo de abstração, esse estudante tem dificuldades de desenvolvimento no curso, pois a Universidade no seu plano curricular não consegue preencher essa lacuna.

Nesse contexto, as Atividades Acadêmico-Científico-Culturais visam dar liberdade e flexibilidade para construir seu conhecimento tácito fora universidade, porém levando como bagagem os conhecimentos adquiridos na mesma. Assim, por intermédio de tal experiência, esse aluno consegue conceituar a contextualização entre linguagem e representação matemática, onde a construção da interpretação dos problemas cotidianos torna-se mais intuitiva e mais aberta para o uso da linguagem simbólica matemática.

Foi visto que a Universidade do Estado da Bahia preocupa-se com a realização das AACCs em seus mais diversos cursos e Departamentos, regulamentando tais atividades de forma a permitir que o aluno tenha uma ampla gama de escolha no que tange suas necessidades de contextualizar aprendizagem e prática. Além disso, departamentos como o Campus X trazem os mais variados eventos (seminários, simpósios, palestras, etc.) para incentivar seus alunos a procurarem aprimorar seu processo de aprendizado fora da sala de aula.

Portanto, por meio do contato dessas atividades, incorpora-se à formação do professor de matemática “todo um campo (...) da inserção social, do relacionamento, e de outras experiências culturais e científicas que, quando ausentes, fazem falta, posto que as propostas de ensino ficam restritas demais(...)” (SILVA, 2012, p. 101).

## 9 REFERÊNCIAS

BIEMBENGUT, M. S.; HEIN, N. **Modelagem Matemática no ensino**. 5º edição. São Paulo. Contexto. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação(MEC), Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, 2000. Disponível em: <<http://porta.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencian.pdf>> . Acesso em 20 jun. 2018.

DIÁRIO OFICIAL. **Resolução Nº 1.150/2010 – Regulamenta as Atividades Acadêmico Científico Culturais – AACC para os Cursos de Licenciatura da UNEB e revoga a Resolução Nº 792/2007 – CONSEPE**. Salvador, Bahia – 11 de fev. 2010. Ano XCIV – Nº 20.198.

KASSEBOEHMER, A. C.; FERREIRA, L. H. **Formação cultural do professor de química: as atividades acadêmico-científico-culturais nas universidades públicas de São Paulo**. Disponível em: < <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/vienpec/CR2/p90.pdf> >. Acesso em 20 jun. 2018.

ROSA, M., OREY, D. C. **A modelagem como um ambiente de aprendizagem para a conversão do conhecimento matemático**. Bolema (online). 2012, vol. 26, n. 42<sup>a</sup>, p. 261-290. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bolema/v26n42a/12.pdf>>. Acesso em 20 jun. 2018.

SHÖN, D. A. **Educando o Profissional reflexivo**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SILVA, Aparecida Pereira dos Santos; MELO, Luciene Farias de; NUNES, Hugo Cesar Bueno; MOURA, Sara de. **Atividades acadêmico-científico-culturais na formação do profissional de Educação Física**. Curso de Educação Física da Universidade São Judas Tadeu, São Paulo. Motriz, Rio Claro, v.18 n. 1, p. 92-103, jan/mar, 2012.

SILVA, Rodrigo Sychocki da; BARONE, Dante Augusto Couto; BASSO, Marcus Vinícius de Azevedo. **Modelagem matemática e TICs: Possibilidades para uma abordagem interdisciplinar de conceitos através da tecnologia informática**. IX Congresso Latino-Americano Interdisciplinar do Adolescente, v. 1. P. 1-12, 2005.

UNEB, UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Projeto de reconhecimento do curso de Licenciatura em Matemática**. Teixeira de Freitas, 2012.